

ICMBio

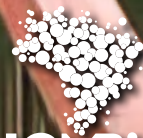
Edição 604 – Ano 13 – 30 de julho de 2021

em foco


**Estruturação de unidades
impulsionam visitação**

Turismo ecológico para todos

**Mais dois filhotes de onças são registrados no
Parque Nacional do Iguaçu**



ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA



Fiscais identificam área desmatada.

No Paraná, instituições se unem para proteger Mata Atlântica

O Parque Nacional do Iguazu, no Paraná, é uma das últimas áreas expressivas de Mata Atlântica preservada no Brasil. Para manter a proteção do local, a unidade somou forças à Delegacia de Polícia Federal, em Foz do Iguazu, e com a Polícia Militar Ambiental do Paraná.

Graças a esta parceria, já foram autuados e embargados uma área de 36 hectares de Mata Atlântica, o que equivale a 32 campos de futebol,

próximos à UC; e lavrados sete autos de infração, que totalizam 380 mil reais. Em paralelo ao processo administrativo decorrentes do auto de infração, há o encaminhamento na esfera penal, ocorrida junto ao Ministério Público Federal, que apura crimes ambientais.

Os desmatamentos ilegais são realizados pela identificação por meio de imagens de satélite geradas pela empresa norte-americana Planet no âmbito do Programa Brasil M.A.I.S. (Meio Ambiente Integrado e Seguro). Desde maio de 2020, o Núcleo Técnico Científico da Delegacia de Polícia Federal em Foz do Iguazu, no Paraná, através do processamento das imagens destes satélites, gera pareceres com possíveis desmatamentos, que são repassados para a Área Temática de Proteção do Parque Nacional do Iguazu.

Quando recebem os pareceres, há uma avaliação do conteúdo para identificar se os possíveis desmatamentos afetam, direta ou indiretamente, a UC, o chamado nexos causal de dano à Unidade. Detectada a influência do desmatamento para a preservação do Parque, a equipe de fiscalização entra em campo para efetivar os autos, considerando se o desmate está em Área de Preservação Permanente; área de Reserva Legal ou apenas se está no bioma Mata Atlântica. Segundo a equipe de fiscalização, o nexos causal é estabelecido considerando-se que a APP ou o curso d'água eventualmente existentes na área desmatada, direcionam-se para a unidade de conservação, assim como se a vegetação destruída faz parte de um corredor de vegetação ligado ao Parque Nacional do Iguazu.

Estes pareceres também auxiliam no melhor planejamento das ações de fiscalização, de vistoria das áreas desmatadas e identificação de outros ilícitos. Em áreas que não são identificados nenhum nexos causal, outras instituições são informadas para que elas atuem.

O Parque Nacional do Iguazu está localizado no Oeste Paranaense, cercado por catorze municípios, cujas atividades agropastoris continuam avançando sobre remanescentes de Mata Atlântica. Produtores rurais insistem em expandir suas áreas através do desmatamento não autorizado, sendo que algumas vezes impõem danos a unidade de conservação, ou de alguma maneira, afetam atributos protegidos, neste caso em particular, pelo Parque Nacional do Iguazu.

Turismo ecológico para todos

Ver, sentir, tatear, ouvir. Algumas vezes, a experiência com a natureza pode acabar excluindo alguns públicos, especialmente quem possui alguma restrição de movimento ou sentidos. Pensando em democratizar as visitas e, ao mesmo tempo, promover a educação e sensibilização ambiental, o Parque Nacional do Itatiaia, no Rio de Janeiro, disponibiliza o Bosque Sensorial, um espaço no qual o visitante terá uma experiência que desperta os sentidos.

Esta é uma medida que visa promover ainda mais o turismo ecológico inclusivo, principalmente para o público com restrições de mobilidade e de visão, de forma a contemplar os três pilares do Turismo para Todos: acessibilidade, sustentabilidade e inclusão social.

O bosque, com sua nova modelagem, foi inaugurado no último de 8 de julho. São duas trilhas, sendo que em uma delas, o visitante pode fazer o percurso descalço, e foi pensada para se fazer de olhos fechados/vedados. A outra, proporciona acessibilidade a pessoas de mobilidade reduzida, inclusive idosos. Em ambas, o visitante vai se deparar com diversas árvores da Mata Atlântica e pequenos arbustos em suportes naturais para percepções táteis e olfativas, possibilitando o reconhecimento desses elementos sem uso do sentido da visão.

As trilhas possuem facilitadores que estimulam o reconhecimento das plantas apresentadas, de tipos de solo, de raízes expostas, dimensão dos troncos, texturas, declives e aclives do solo, insetos, aves, entre outros. Ao final, reflexões e relatos sobre a experiência de cada um são compartilhados ao grupo com o propósito de tornar a vivência significativa também coletivamente.

Tais ações inclusivas têm como objetivo contribuir para que as pessoas sejam participativas,

potencializando aptidões, ampliando seu campo de oportunidades e colocando-as em igualdade de condições no exercício da cidadania, incluindo o acesso aos espaços naturais e ao conhecimento, independentemente da existência de deficiências físicas e intelectuais.



Gisele Botelho

É recomendável fazer a trilha vedado, para ter uma melhor experiência



Célia Mattos

As trilhas podem ser feitas para acesso a pessoas com mobilidade reduzida



Foto: Douglas Bastos

XI OFICINA DE AVALIAÇÃO DE PEIXES AMAZÔNICOS

Sciaenidae, Cichlidae DD e Characiformes DD e remanescentes

Contribua até o dia 22 de agosto com informações sobre 76 espécies acessando o link:

<https://salve.icmbio.gov.br/salve-consulta/>



Apresentação do CPB durante ENEPRIM

Estruturação de unidades impulsionam visitação

Além de seu valor ambiental, a grande biodiversidade do Brasil movimenta a nossa economia. Dados do Ministério do Turismo indicam que 1 a cada 5 pessoas que visitam o país apontam o Ecoturismo e o Turismo de Aventura como motivo principal da viagem. Estes turistas gastam, em média, três mil dólares por viagem e estão dispostos a desembolsar mais por experiências emocionantes e autênticas.

As unidades de conservação ocupam um lugar importante no desenvolvimento desta

modalidade, e para isso, dotá-las de estrutura é fundamental para garantir que o turismo tenha mais vontade de voltar. Como a estruturação de uma unidade depende de recursos financeiros, nem sempre os gestores conseguem avançar com esta agenda. No entanto, experiências em algumas UCs mostram que, infraestruturas simples, desde que bem planejadas e executadas, trazem benefícios de acessibilidade e reconhecimento por diferentes perfis de visitantes, que se sentem valorizados e acolhidos.

A estruturas mínimas são ações de menor custo e que podem ser tocadas pelos servidores das UCs, com o auxílio de agentes temporários ambientais e voluntários, e usando materiais locais como pinguelas, escadaria de pedras e madeiras, decks de madeira, poita de ancoragem, acampamento primitivo, banheiros secos etc.

PARQUE NACIONAL DA SERRA DA BODOQUENA

Localizado em Bonito, no Mato Grosso do Sul, o Parque Nacional da Serra da Bodoquena já atrai, naturalmente, turistas por suas belezas únicas, mas vem investindo na estruturação dos seus atrativos por meio da construção de decks, escadarias, pontes e outras estruturas de apoio e segurança ao visitante.

“Sempre contamos com o fundamental apoio da brigada do Parque que efetivamente trabalhou na construção de todas as estruturas, quando não estavam envolvidos nas ações de prevenção ou combate aos incêndios florestais de nossa região”, diz o chefe do Parque, Sandro Pereira.

Nos últimos dois anos, a gestão do Parque acelerou este processo buscando parcerias com ONGs como a SOS Mata Atlântica e a Fundação Neotrópica, e com o Ministério Público Estadual do Mato Grosso do Sul, e conseguiram implementar e abrir para a visitação pública o primeiro atrativo: as Trilhas do Sumidouro-Ressurgência do rio Perdido, em janeiro de 2021.

Ainda, o Parque está investindo no cadastro e na capacitação dos condutores de visitantes. Atualmente, 180 deles estão cadastrados e habilitados para atividades na UC.

PARQUE NACIONAL DO DESCOBRIMENTO

O Parque Nacional fica no sul da Bahia e tem um importante valor histórico, já que a região foi a primeira imagem dos navegadores portugueses do Brasil. Por lá, o apoio dos brigadistas tem sido fundamental para a área de uso público da UC. Eles são responsáveis por produzir materiais para sinalização, realizando a recuperação, ampliação e manutenção das trilhas e construindo estruturas de apoio e segurança ao visitante.

Algumas dessas construções são mesas e bancos em pontos de parada das trilhas e um píer na Lagoa “Só Não Vou”, um dos principais atrativos do Parque. Na parte final da estrutura do píer, mais ao centro da lagoa, foi pintada pelos

próprios agentes temporários ambientais a logomarca do Parque que traz o Papagaio-chauá, uma das espécies de aves protegidas pela União e ameaçada de extinção.

As estruturas agradaram visitantes como Cleidiane Verbeno Storch. “O píer é um atrativo extremamente versátil por permitir a ancoragem e circulação de pessoas, além de proporcionar um apelo visual marcante que permite a observação da fauna e da flora em sua redondeza”, diz Cleidiane. No momento, o píer serve apenas como estrutura para observação de fauna e flora.

Quem também está satisfeito com as trilhas é Victor Santos Stens. “Posso dizer que a trilha é uma experiência incrível. Além de nos proporcionar a beleza das árvores e um ar puro, chegando ao final da trilha, deparamos com uma lagoa e um belo píer, com uma vista encantadora, o que proporciona uma melhor experiência com a natureza, inclusive por meio da observação de aves.”

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA

A APA da Baleia Franca foi a UC mais visitada em 2020, muito em razão do agitado verão carolinense. Na UC, os brigadistas apoiam nos trabalhos de uso público voltados para construção, manutenção e sinalização de trilhas, especialmente nos trechos integrantes do projeto “Caminhos da Baleia Franca”, trilha de longo curso integrante da RedeTrilhas.

Segundo a chefe da UC, Renata Vargas, os projetos e trabalhos da brigada tem colaborado em aumentar o protagonismo da APA no desenvolvimento turístico da região, além de valorizar a presença institucional no território. “Um efeito colateral positivo também tem sido a colaboração pro ordenamento dos usos e redução de ameaças importantes, como o uso motorizado em áreas sensíveis”, completa Renata.

Um dos trabalhos desenvolvidos foi a definição de um padrão local de sinalização para áreas de uso e para cabeceiras de trilha (placas para



Equipe de brigadistas que fez a manutenção do Igarapé 14

“trailhead”), sob o princípio de que a equipe local dominasse todo o processo de elaboração e execução. Ou seja, que a elaboração das placas não dependesse de contratação de serviços externos.

Utilizando madeira e ferramentas acessíveis (micro retífica com eixo flexível, fresas para madeira, pirógrafo e tinta), além de uma boa dose da filosofia “faça você mesmo”, as placas da APA da Baleia Franca estão sendo elaboradas a custo mínimo com um bom resultado estético.

Os analistas José Wilson Jr. e Paulo Faria, que coordenam localmente os trabalhos, destacam que a inspiração dos trabalhos foi oriunda dos centros regionais de sinalização do US Forest Service ao sul do Colorado, nos Estados Unidos, que respondem à demanda de sinalização das unidades de sua região. Ainda, avaliam que tanto a execução das ações de manejo nas trilhas quanto a confecção das placas tem sido fator determinante para o engajamento e apoio dos parceiros locais, com adesão importante do governo do estado de SC, prefeituras, órgãos públicos (como MPF, SPU e IFSC), proprietários privados e empresários locais.

O próximo passo será integrar o voluntariado em uso público nas ações, sob a batuta da brigada.

FLORESTA NACIONAL DE SARACÁ-TAQUERA

Na Flona de Saracá-Taquera, no Pará, os brigadistas foram responsáveis pela sinalização e manutenção do Igarapé 14, que fica em Porto Trombetas. A atividade foi a conclusão de uma capacitação dos agentes temporários ambientais em Introdução da Gestão do Uso Público em Unidades de Conservação, organizado pelos analistas ambientais Raiane Viana e Rafael Pinto.

O Igarapé do 14 é utilizado pela população de Porto Trombetas para lazer em contato com a natureza e possui estrutura de quiosques para a visitação, a qual precisa ser ordenada. O intuito da atividade foi colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso, e ao mesmo tempo sensibilizar a comunidade para a necessidade de conservar o espaço de recreação.

Além da instalação de placas elaboradas pelos agentes temporários ambientais para sensibilizar os usuários quanto à conduta responsável na unidade de conservação, foram retirados do local cerca de 25 kg de resíduos sólidos. A maior parte dos detritos eram tampas de garrafas, lacres de latas de bebidas, plástico, bitucas de cigarros, latas e vidro.

“Esperamos que a sinalização e a limpeza realizada no local contribuam para despertar na comunidade, que utiliza o atrativo, a preocupação com a manutenção da qualidade ambiental do local e a importância do uso consciente para o melhor proveito da interação com o ambiente natural”, avalia o chefe do NGI Trombetas, Paulo Valda.

CPB e parceiros promovem o 1º Encontro Nordestino de Primatologia

Com nove estados que totalizam 1,5 milhões de quilômetros quadrados e com ecossistemas de quatro biomas – Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado e Amazônia - é de se esperar que a região nordeste possua uma grande biodiversidade. O Nordeste abriga 21 primatas endêmicos do país, sendo várias dessas espécies ameaçadas de extinção, como o guigó-da-Caatinga como o guigó-da-Caatinga (*Callicebus barbarabrownae*), o mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*), o macaco-prego-galego (*Sapajus flavius*) e o guariba-da-Caatinga (*Alouatta ululata*).

Pela relevância da região Nordeste, o Centro Nacional de Primatas Brasileiros, com o apoio de parceiros, promoveu o I Encontro Nordestino de Primatologia (I ENEPRIM) entre os dias 24 e 28 de maio. O evento foi realizado *online* devido às restrições sanitárias da pandemia de Covid-19 e pode ser acessado pelo Youtube. Clique [aqui](#) e veja.

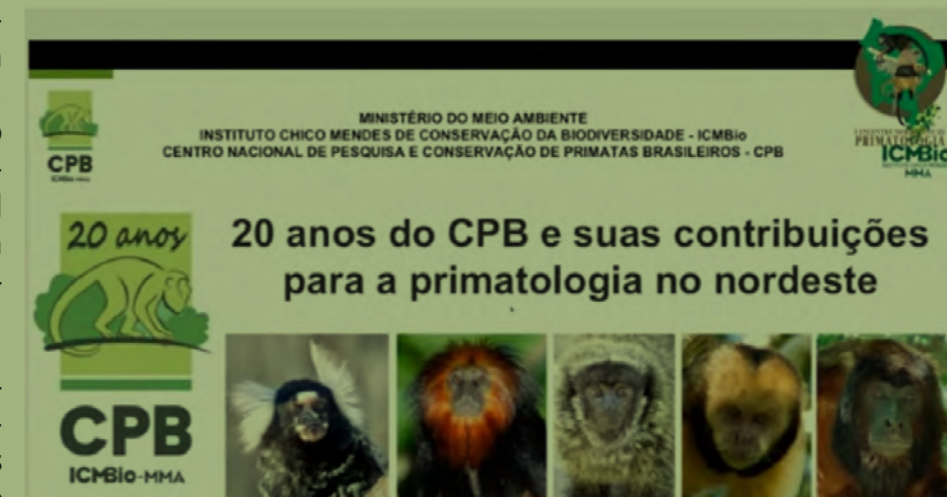
A organização do evento foi feita pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros (ICMBio/CPB) em parceria com o Laboratório de Ecologia, Comportamento e Conservação e o Projeto Guariba, ambos vinculados à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e com a Sociedade Brasileira de Primatologia (SBPr).

O ENEPRIM contou com conferências de abertura e encerramento e ainda com oito mesas redondas, totalizando mais de

20 horas de apresentações e debates. Além dos 35 palestrantes, participaram do evento 126 inscritos, sendo 43% graduandos e 41% pós-graduando, de todas as regiões do Brasil, com destaque para o Nordeste (41%) e Sudeste (37%). Os recursos arrecadados com as inscrições foram integralmente revertidos para a criação de um fundo de apoio a projetos de pesquisa e conservação de primatas no Nordeste, em parceria com a SBPr.

Além de integrar a comissão organizadora, a equipe do CPB também participou da programação do evento com a coordenação das mesas redondas sobre Biogeografia e Diversidade, Fragmentação e Conectividade de Habitats, e Políticas Públicas e Conservação, tendo cinco apresentações nesses fóruns. A palestra de encerramento foi proferida pelo coordenador do CPB, Leandro Jerusalinsky, que abordou as duas décadas do CPB e suas contribuições para a primatologia do Nordeste.

Segundo a analista ambiental do CPB e coordenadora do **Plano de Ação Nacional dos Primatas do Nordeste** (PAN PRINE) Mônica Valença-Montenegro, “as apresentações no ENEPRIM mostraram que o PAN PRINE já foi internalizado por grande parte das pessoas e instituições que atuam na conservação dos primatas do Nordeste”. “Neste sentido, o ENEPRIM foi um excelente meio para divulgação dessa política pública e para mostrar os avanços que vêm acontecendo”, complementa Mônica.



Mais dois filhotes de onças são registrados no Parque Nacional do Iguaçu

Divulgação Onças do Iguaçu



Filhotes de onças-pintadas flagrados pela câmera tra

O Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, confirmou o registro de mais dois novos filhotes de onça-pintada (*Panthera onca*). Eles têm cerca de oito meses de idade e foram capturados via armadilha fotográfica do Projeto Onças do Iguaçu.

Ainda não é possível determinar o sexo dos filhotes, nem mesmo quem é a sua mãe. As onças-pintadas estão aptas a se reproduzir o ano todo, porém quando têm filhotes, se dedicam aos cuidados deles até os dois anos de idade antes de uma nova ninhada.

Os novos registros de onças no Parque Nacional do Iguaçu apenas corroboram um fato que já é comemorado pelos pesquisadores: a de que a população residente no Parque está crescendo comprovadamente no bioma Mata Atlântica, onde a espécie está criticamente ameaçada de extinção.

De acordo com a coordenadora do projeto, Yara Barros, há algumas hipóteses para o

aumento de registros. Um deles podem ser ações de fiscalização no Parque para coibir a caça ilegal. "Um ambiente preservado, que consegue manter os requerimentos de hábitat da espécie é fundamental para a sobrevivência da espécie". Outras causas presumidas são a mudança do uso do solo, da pecuária para a agricultura (já que o abate em represália do gado é uma forte ameaça à população de onças), além do trabalho de sensibilização com os moradores de 14 municípios no entorno do Parque.

Sendo um predador de topo de cadeia e uma espécie que demanda vários requerimentos de preservação de hábitat, a onça-pintada é uma espécie usada para medir a qualidade dos ambientes onde vive. Um parque preservado significa um refúgio seguro para as onças-pintadas.

O projeto aumentou o número de armadilhas fotográficas na região onde eles foram avistados, para tentar novos registros, identificar a mãe e também monitorar as novas oncinhas.

Comunidade virtual no AVA promove troca de experiências pedagógicas

Acaba de ser lançada na página do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA-ICMBio) a Comunidade Trocas de Experiências Pedagógicas para Planejamento e Implementação de Cursos no ICMBio. A criação do espaço, que se soma a outras sete comunidades de pesquisa e aprendizagem já disponíveis no AVA, foi iniciativa da Coordenação de Carreira e Desenvolvimento (COCAD/CGGP), com o intuito de promover a interação e o compartilhamento de experiências pedagógicas entre servidores, tutores, instrutores, conteudistas e educandos, tanto do próprio ICMBio quanto de instituições parceiras. [Clique aqui](#) para conhecer.

De acordo com Rosana Siqueira, que atua na COCAD/CGGP, o diferencial dessa comunidade é ser um ambiente aberto onde qualquer pessoa interessada pode acessar os dados, compartilhar materiais e participar dos fóruns e debates. "Além disso, o espaço disponibiliza um banco de informações, dicas e direcionamentos de cursos específicos da área de ensino-aprendizagem", ressalta. A estratégia de criação desse ambiente de trocas virtuais tem o objetivo de disseminar uma cultura organizacional em que a gestão de pessoas atue de forma integrada à gestão do conhecimento, uma vez que o objetivo da educação corporativa não é somente qualificar os servidores, mas também unir pessoas, cada uma com sua bagagem cultural e com seus diferentes saberes, de modo a promover ações de melhorias voltadas ao cumprimento da missão institucional.

A ideia da comunidade é reunir e disponibilizar documentos, ferramentas digitais e materiais didáticos, bem como fomentar o debate através dos fóruns de construção colaborativa, sempre tendo como horizonte o aprimoramento dos processos educacionais do ICMBio. Para Kamila Oliveira, pedagoga do Núcleo de Educação a

Distância (NEaD/CGGP), esse espaço recém-lançado busca ampliar os repertórios conceitual e prático do Instituto, permitindo a colaboração entre pessoas que estudam e realizam práticas educativas que podem agregar às nossas. "A abertura e a flexibilidade disponibilizadas, uma vez que a comunidade é acessível para quem quer que a visite, é algo muito alinhado às demandas atuais de aprendizagem corporativa com recursos abertos", explica Oliveira.

FERRAMENTAS

As ferramentas disponíveis na Comunidade Troca de Experiências Pedagógicas incluem espaços de trocas coletivas, espaços temáticos, grupos de discussão abertos para qualquer interessado e grupos voltados para discussões mais pontuais e específicas. Foram estruturados ambientes colaborativos onde podem ser postados documentos, informações e materiais relacionados à temática educacional.

Até o momento, a equipe do ICMBio disponibilizou na página da comunidade os seguintes materiais e espaços de construção coletiva: Plano de Desenvolvimento de Pessoas (PDP) do Instituto Chico Mendes e demais instrumentos que oferecem as diretrizes para sua elaboração; documentos institucionais com orientações sobre os fluxos de trabalho da Educação Corporativa, que envolve a COCAD e a ACADEBio; ambiente com dicas de como utilizar as plataformas de ensino-aprendizagem do ICMBio (AVA e Microsoft Teams); espaço com tutoriais de como usar ferramentas digitais nas capacitações; midiateca com manuais, links, e-books, vídeos, sites e artigos que podem auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem, além de dicas de cursos essenciais para a prática pedagógica; fórum de construção coletiva de documentos, capacitações, tutoriais, e materiais didáticos; e, por fim, um espaço aberto para compartilhamento de modelos, estruturas e experiências de cursos virtuais e presenciais implementados no ICMBio ou em outras organizações. Segundo Rosana Siqueira, a ideia é que os participantes possam aprender uns com os outros, apoiando-se institucionalmente "de modo a buscar sempre o aprimoramento das nossas ações educativas", conclui.

Em tempos de pandemia, reuniões familiares viram alternativa para projetos socioambientais

A pandemia de Covid-19 trouxe uma série de restrições sanitárias para o mundo. Aqui no Brasil, desde meados de março de 2020, estados e municípios lançaram mão das chamadas medidas não-farmacológicas, como o isolamento e distanciamento social e o uso de máscaras. Aglomerações com pessoas, especialmente entre pessoas que não convivem diariamente, foram fortemente desaconselhadas.

Mesmo com a vacinação, não é recomendado o abandono destas medidas não-farmacológicas,

já que algumas pessoas podem não desenvolver a imunidade (especialmente os mais idosos) ou podem transmitir o vírus para quem não está vacinado.

Um dos impactos trazidos por essas medidas foi o impedimento de procurar comunidades para decisões conjuntas, o que compromete bastante a participação social na gestão. Para minimizar estes efeitos, os gestores precisaram se reinventar e procurar formas alternativas e seguras para dar prosseguimento a ações socioambientais.

Um dos exemplos é na Reserva Extrativista do Alto Tarauacá, no Acre. Por lá, a gestão da UC desenvolve vários processos com a participação comunitária, com o apoio do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT). Um destes trabalhos é o Manejo Participativo de Tracajás na UC, que ocorre no âmbito



Técnicos utilizam banner facilitador para diálogo com as famílias

Acervo CNPT



Reuniões comunitárias foram feitas somente com os núcleos familiares

Acervo CNPT

etapa, foram contempladas áreas dos Seringais Tabocal, Alagoas, Jaminawá, Massapê, Duas Nações e Igarapé São Salvador.

A equipe de técnicos produziu um *banner* explicativo com informações de outros projetos da UC e desdobramentos de estudos. Durante a expedição, os técnicos colheram dados relativos ao manejo comunitário do tracajá (*Podocnemis unifilis*), caça de subsistência do animal na UC; prevenção e proteção individual e da fauna cinegética na pandemia; e outras questões demandadas pelos comunitários, como esclarecimentos sobre as vacinas.

Em relação a pandemia, os pesquisadores colheram informações sobre os possíveis efeitos sociais e econômicos sobre as famílias. Estes dados devem subsidiar melhor a gestão da UC para providências que visem diminuir a vulnerabilidade destas famílias.

Em virtude da excelente receptividade e da aderência a este formato por parte das famílias, outras expedições neste contexto devem ser agendadas pelos parceiros. “Gostei demais dessa atenção e cuidado dado a nós, pois quem não foi na última reunião, agora ficou sabendo de tudo que se passa na reserva”, comentou um dos comunitários visitados.



ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

DCOM

Diagramação

Marília Ferreira

Foto da Capa

Leandro Muniz

Colaboraram nesta edição

Beatriz Gomes – Parna do Itatiaia; Célia Mattos – Parna do Itatiaia; Christian Dietrich – Flona de Saracá-Taquera; Dayse Leite – Parna do Descobrimento; Elisabete Hulgado – Parna do Itatiaia; Equipe CPB; Nana Brasil – CGGP; Patrícia Iwamoto – Parna do Iguaçu; Roberta Barbosa – Coest; Rosenil de Oliveira – CNPT; Sandro Pereira – Parna da Serra da Bodoquena.

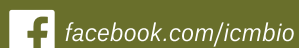
Divisão de Comunicação – DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste – EQSW 103/104 – Bloco C – 1º andar

CEP: 70670-350 – Brasília/DF | Fone +55 (61) 2028-9280

comunicacao@icmbio.gov.br | www.icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL